

AZAR DO BIRA FOI NÃO TER FEITO A PRIMEIRA COMUNHÃO

O Bispo celebra a missa no presídio, onde vários detentos fazem, depois de adultos, a Primeira Comunhão. No sermão da missa, observou que, caso a Primeira Comunhão tivesse sido recebida há mais tempo, talvez o destino de muitos deles fosse outro.

A afirmação sobre o valor da Primeira Comunhão como preventivo contra a cadeia fez-me lembrar o Bira, cujo retrato saiu, um dia desses, no Jornal do Brasil, junto com outros companheiros de cadume, laçados na Operação Arrastão da Polícia Militar. O Bira, com seus 16 anos, ainda não fez Primeira Comunhão; duvido mesmo que algum de seus companheiros, pelas caras de miséria e marginalidade que saíram no jornal, tenham algum dia freqüentado catecismo e passado por aquela experiência religiosa que os grandes homens declaram ter sido o dia mais feliz de suas vidas.

Mas começemos pelo começo do Arrastão. Nas vésperas das chamadas datas magnas da cristandade, apesar da plethora eufórica dos votos de calor humano, os contrastes sociais ficam mais aparentes, à luz do Evangelho não seguido; a fraternidade entra em baixa e o sentimento de posse assume o comando do barco. Véspera de Natal, por exemplo: sobe a maré da sensibilidade pelo que é meu: minha família, meus amigos, meus presentes, minha felicidade! E aumenta a miopia para o outro, que se torna mais estranho que nunca. Em vez de Cristo, o centro da festa é tomado pelo sentimento da propriedade.

Foi num ambiente assim que a Polícia deflagrou a Operação Arrastão anual.

Os soldados subiram morros, vasculharam favelas, fizeram triagens de transeuntes, com a finalidade de trancafiar, nos dias sagrados, aqueles que dessem a impressão de perturbar a paz cristã, desrespeitando a sagrada propriedade particular. O jornal fotografou o resultado de uma dessas incursões; lá estão os presos na fotografia, o ar constrangido, querendo esconder sua miséria; são algumas dezenas de jovens, na faixa dos 16 aos 20 anos, talvez.

A impressão vem, na maior espontaneidade: eis autênticos brasileiros: na cor, na idade, na representação autêntica dos 50 por cento do povo que não tem chances na vida nem direito à esperança. Eis os perigosos marginais que temos de botar nas grades, para festejarmos em paz Aquele que foi generoso conosco: "Em vez de pobres e marginais, nos fez viver nos privilégios da classe média. Ele merece, ele merece que façamos lauta ceia e bebamos os nossos vinhos em sua homenagem!" — proclama o católico seu Manuel, possuído de espírito natalino.

Olhando a fotografia do Arrastão, vejam quem está lá, no meio dos outros, pescado nas redes policiais! O Bira, só pode ser ele! Um dos nove membros do clã de Seu Chico e Dona Umbelina que, ano passado, aportaram às plagas salvadoras da Baixada Fluminense, a fim de escapar à fome, à miséria e à escravidão em que viviam como bóias-frias no sertão baiano, trabalhando pro doutor. Se lá pelo sertão a vida era ruim, aqui na Baixada a família de Seu Chico comeu o pão que o diabo amassou.

Por causa de um pão desses, Bira entra em nossa estória. Naquela tarde, levava sua velha companheira, a fome, para fazer turismo diante das vitrines da padaria de Seu Manuel. A barriga não agüentou ficar olhando tanta comida. Quando Seu Manuel se distraiu, Bira avançou na cesta, enfiou um pão debaixo da camisa e foi saindo de mansinho. Mas o empregado vira a jogada e deu o alarme: "Pega o ladrão, pega o ladrão!" Bira correu na frente de alguns perseguidores, açulando a matilha escondida na multidão natalina: "Pega o ladrão, pega o ladrão!" corria e gritava todo mundo. O pobre do Bira não foi linchado porque, naquele instante, passava a patrulhinha da Operação policial.

Levado para a Delegacia, Bira submeteu-se a todas as formalidades de sua oficialização como marginal: autuado em flagrante, fotografado de lado e de frente, documentado como ladrão. Nunca mais escapará, não só ao medo, agora também às malhas da polícia: será ladrão a vida toda porque, naquela tarde faminta, avançou o sinal vermelho da sociedade e tentou desapropriar um dos muitos pães de Seu Manuel.

Seria o momento de contar a estória de Seu Manuel, dono de uma rede de padarias nos subúrbios do Rio. Diz-se que Seu Manuel é um carrasco que explora impiedosamente o suor de seus operários e os obriga a assinar menos horas do que trabalham e mais salário do que recebem. Falam mal das misturas que Seu Manuel faz nas farinhas. Sua balança se engana sempre em favor da padaria. Mas Seu Manuel é cidadão acima de qualquer suspeita: freqüentou religiosamente o catecismo em seu saudoso Trás-os-Montes, fez a Primeira Comunhão no dia mais feliz de sua vida e acha que, aqui, a Igreja está perdendo terreno porque, em vez de cuidar de Deus e das almas, ocupa-se com assuntos que nada têm a ver com religião.

CATABIS & CATACRESES

O TUMOR E A CIRURGIA

1. Foi o caso que o arcebispo de Florença o cardeal Dom João Benelli criticou duramente a lei do aborto, vigente na Itália faz algum tempo. E disse que esta lei do aborto é um "tumor que precisa ser extirpado".

2. Aborto, neste sentido, é a intervenção violenta para eliminar o filho ainda no ventre materno. Afora certos casos ambíguos (por ex. quando está em perigo grave a vida da mãe) — e a moral cristã faz esforços para esclarecer devidamente essas ambigüidades —, a nossa consci-

ência rejeita a eliminação do feto, da criança inerte, que depende inteiramente dos adultos, sobretudo dos pais.

3. Quando a Igreja levanta a voz, em qualquer parte do mundo, para condenar o aborto, o que ela está fazendo é a defesa do primeiro de todos os direitos humanos: o direito à vida, sobretudo quando este direito ainda não pode ser exercitado.

4. Longe de ser uma circunstância atenuante, a inconsciência do feto é para

nós uma circunstância agravante: tira-se a vida a um inocente, a um ser humano indefeso e inerte.

5. O Cardeal Benelli falou o que todo cristão deve falar. Somente que um juiz resolveu denunciá-lo como "difamador da lei democrática italiana do aborto". E acha que está em jogo a própria soberania do Estado. Tomarmos atitude contra o aborto será intromissão na Política? Leitor, o mundo civilizado é cada vez mais complicado, arre!

4º DOMINGO DA PÁSCOA (06-05-1979)

C = Comentador L = Leitor P = Povo S = Sacerdote
Cantos: Missa de PÁSCOA, Miria Kolling, Ed. Paulinas e Profetas da Alegria

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

1 Jesus Cristo, nossa Páscoa,
/ ressuscitou e hoje vive. / Ce-
lebremos pois a sua festa / na
alegria da fraternidade.

Jesus Cristo está vivo entre nós, ale-
luia, aleluia.

2. Ele é nossa esperança / com sua
morte deu-nos vida / e hoje vai cono-
co lado a lado / dando sentido ao nosso
caminhar.

3. Também nós ressuscitamos / para
uma vida de amor. / É preciso que o
mundo veja em nós cristãos a Páscoa
do Senhor.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do
Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, o Senhor fortaleça os cora-
ções de vocês numa santidade irrepreen-
sível diante de Deus nosso Pai, por
ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus
Cristo, com todos os seus santos.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu
no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. O quarto domingo de Páscoa é cha-
mado Domingo do Bom Pastor porque,
no evangelho de hoje, Jesus se intitula
Bom Pastor. Cristo não exerce direta-
mente o pastoreio sobre a Igreja nem
a Igreja é hora da saudade, com fina-
lidade de comemorar fatos do passado.
O pastoreio de Cristo é exercido pelos
pastores da Igreja: líderes do povo de
Deus, que foram chamados a desempe-
nhar funções de responsabilidade no re-
banho. Como Cristo, eles serão bons pas-
tores, se derem a vida por suas ovelhas.
O mercenário faz, das palavras de Cristo,
justificação de sua autoridade, a fim de
exigir obediência. O mercenário extirpa
do Evangelho a força libertadora, trans-
formando-o em travesseiro dos explora-
dos, para que estes não sintam as pan-
cadas da opressão e se conformem com
ela. O mercenário é aquele cuja cantilena
é piedosa, mas cujo convívio é com os
lobos. O mercenário, hoje, delata e en-
trega, como ideologia criminoso, os cla-
mores do povo pela justiça. O Bom Pas-
tor tem a consciência clara de como não
podemos ser salvos, a não ser por Cristo;
e tira as conseqüências libertadoras das
palavras d'Aquele que preferiu dar a
vida pelo rebanho a manter a autoridade
e o cargo, por conveniência.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, domingo do Bom Pastor é
também o dia das Vocações eclesiais, nas
quais se inclui a vocação sacerdotal.
Somos cristãos, na medida em que assu-
mimos responsabilidades, na comunidade
do povo de Deus. Você é católico de ficar
assistindo as coisas, ou se engaja pra
valer na comunidade? Igreja é coisa do
padre ou você sente que ela é tanto do
padre quanto sua? Releia os chamados
de Cristo no Evangelho e redescubra:
somos cristãos na medida em que somos
agentes da pastoral da Igreja, isto é, na
medida em que participamos na missão

libertadora do Bom Pastor Jesus Cristo,
o qual nos salvou, não tanto conversando
ou assistindo a alguma coisa, mas dando
o seu tempo, seus esforços e sua vida.
(Pausa para revisão de vida). — Con-
fessemos os nossos pecados:

1. Perdoai-me outra vez, Senhor, nova-
mente eu me fechei / dentro do meu
desamor, vossa imagem eu mutilei.

Perdoai-me, Senhor, não vivi minha voca-
ção. / Perdoai-me, Senhor, não amei o
meu irmão.

2. Deveria ser vosso apóstolo, mas pequei
por omissão / eu também me acomodei,
fracassei vossa missão.

3. Deveria ser bom discípulo, mas calei
a minha voz / camuflando o ideal, sem
pregar a vossa paz.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão
de nós, perdoe os nossos pecados e nos
conduza à vida eterna. P. Amém.

5 GLÓRIA

Glória a Deus, glória a Deus, glória a
Deus / e paz aos homens na terra, que
trabalham para Deus.

1. Glória ao Pai do céu que primeiro nos
amou / e, em vista do seu Cristo, livre-
mente nos criou.

2. Glória a Jesus Cristo, porque veio nos
salvar / e o mistério de Deus Pai veio
aos homens revelar.

3. Glória ao Espírito Santo, porque é
consolador / que ilumina nossa vida e
nos enche de amor.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso,
vós nos conduzis como vosso rebanho,
através dos perigos deste mundo até as
alegrias da vida eterna; dai-nos a luz
e a força de vossa Palavra para que,
apesar de nossa fraqueza, superemos as
dificuldades da caminhada. Por nosso
Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na
unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

1 C. A primeira leitura é tirada
do Livro dos Atos dos Apósto-
los, cap. 4, versos 8 a 12. Toda
a história humana é imenso clamor pela
libertação. Iluminado pelo Espírito de
Deus, Pedro proclama que a libertação
virá através de Jesus Cristo; por nin-
guém mais seremos salvos, apesar das
buscas em tantos caminhos.

L. Leitura do Livro dos Atos dos
Apóstolos: «Pedro, cheio do Espí-
rito Santo, falou assim aos chefes
do povo: «Autoridades e líderes do
povo, os senhores querem nos inter-
rogar a respeito da cura de um
homem enfermo e por quem ele foi
curado. Pois fiquem sabendo, os
senhores e todo o povo de Israel:
Este homem aqui foi curado pelo
poder do nome de Jesus Cristo, o
Nazareno, a quem os senhores cru-
cificaram e a quem Deus ressuscitou
dentre os mortos. Jesus é a

(Lp Profetas da Alegria)

pedra que os construtores despre-
zaram e que se converteu em pedra
fundamental. Em nenhum outro se
encontra a salvação, porque, na
terra, não se deu aos homens outro
nome pelo qual possamos ser sal-
vos». — Palavra do Senhor. P. Gra-
ças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Sabei que o Senhor é Deus / foi ele
quem nos fez e somos filhos seus.

1. Aclamai o Senhor, ó terra inteira /
servi o Senhor cheios de júbilo / ide a
ele com cantos de alegria.

2. Entrai em sua casa dando graças /
no seu templo cantai hinos de louvor /
dai-lhe glória, seu nome bendizei.

3. Louvai ao Senhor porque ele é bom
/ seu amor e sua fidelidade / perduram
pelos séculos sem fim.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da Pri-
meira Carta de João, cap. 3, versos 1
a 2. Quando Cristo vier, ficaremos se-
melhantes a Ele, na vida ressuscitada
gloriosa. A tarefa agora é produzir a
vinda da justiça evangélica, pois preci-
samos ficar semelhantes a Cristo, na
dignidade em que Ele viveu.

L. Leitura da Primeira Carta de
São João: «Caríssimos, vejam que
amor singular nos mostrou o Pai:
não somente somos chamados, mas
de fato somos filhos de Deus. É
por isso que o mundo não nos co-
nhece: porque não O conheceu. Ca-
ríssimos, desde agora já somos fi-
lhos de Deus, embora ainda não se
tenha manifestado o que seremos
no fim. Mas já o sabemos: quando
Cristo se manifestar em sua glória,
seremos semelhantes a Ele, porque
O veremos como Ele é realmente».
— Palavra do Senhor. P. Graças
a Deus.

10 ACLAMAÇÃO

1 Eis o dia do Senhor, aleluia,
aleluia, aleluia.

1. O Cristo ressuscitou / da
morte nos libertou.

2. Nas trevas brilhou a luz / o Cristo
que ao Pai conduz.

3. Salvou-nos o seu amor / cantemos-
lhe pois louvor.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evan-
gelho de João, cap. 10, versos 11 a 18.
Para ser bom pastor na Igreja, como
Cristo foi, o que é preciso não é tocar
o rebanho com ordens e ameaças; é pre-
ciso não só alegar que recebeu autoridade
para comandar; é preciso dar o tempo,
os cuidados e a própria vida pelas
ovelhas.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo
João.

P. Glória a Vós, Senhor.

S. Naquele tempo disse Jesus: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. O empregado que trabalha somente por dinheiro não é pastor e as ovelhas não são dele. Por isso ele abandona as ovelhas e foge, quando chega o lobo. Então o lobo ataca e espalha as ovelhas. O empregado foge, porque trabalha somente por dinheiro, e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor. Assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, também conheço minhas ovelhas e elas me conhecem. E estou pronto para morrer por elas. Ainda há outras que me pertencem e que não estão neste curral. É preciso trazer também essas. Elas vão ouvir minha voz, e então haverá um só rebanho e um só pastor. O Pai me ama porque dou minha vida para recebê-la outra vez. Ninguém tira minha vida de mim, mas eu a dou por minha própria vontade. Tenho o direito de dar e de tornar a recebê-la. Foi isto o que meu Pai me mandou fazer». — Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra.

P. Esta é a nossa fé / bendita seja a palavra de Deus!

S. Creio em um só Senhor, Filho do eterno Pai, que por amor de nós se fez homem.

P. Esta é a nossa fé / bendita seja a palavra de Deus!

S. Creio no Espírito Santo, fonte de graça e vida, que do Pai procede e do Filho.

P. Esta é a nossa fé / bendita seja a palavra de Deus!

S. Creio na Santa Igreja, povo de Deus em marcha, sob a guia de seus pastores.

P. Esta é a nossa fé / bendita seja a palavra de Deus!

S. Creio na vida eterna, quando o Senhor vier para julgar os vivos e os mortos.

P. Esta é a nossa fé / bendita seja a palavra de Deus!

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, cada um é chamado a assumir responsabilidades pelo povo de Deus, através da vocação pessoal. Somos chamados a ser apóstolos do Reino de Cristo. Para que Ele desperte nossa consciência missionária e ajude a descobrirmos a vocação de cada um, elevemos nossas preces:

L1. Para que aumentem as vocações sacerdotais, não só em número mas também em qualidade, a fim de que o Evangelho seja anunciado a todos os homens, rezemos ao Senhor.

L2. Para que não faltem ao povo de Deus de nossas paróquias os padres de que necessitam, para a celebração do santo Sacrifício da Missa, rezemos ao Senhor.

L3. Para que o Espírito Santo ilumine a Igreja, na organização do ministério sacerdotal de acordo com as necessidades de nossos tempos, rezemos ao Senhor.

L4. Para que, em nossas comunidades paroquiais, as vocações sacerdotais e eclesiais sejam despertadas e encontrem ambiente de apoio para seu desenvolvimento, rezemos ao Senhor.

L5. Pelos jovens que estão nos seminários, para que correspondam à graça que receberam e se formem de maneira consciente para o ministério sacerdotal, rezemos ao Senhor.

L6. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor Deus, dai às nossas comunidades e seus líderes clareza interior e força de prosseguirem no trabalho de conscientização evangélica de vosso povo, para que este povo vos descubra como Deus libertador. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



Cristo é o dom do Pai / que se entregou por nós. / Aleluia, aleluia, bendito seja o nosso Deus.

1. Dai graças a Deus, pois ele é bom / eterno por nós é seu amor.

2. Coragem e força ele nos dá / fazendo-se nosso Salvador.

3. Eu não morrerei mas viverei / e assim louvarei o meu Senhor.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Concedei, ó Deus, que nos alegremos com estes mistérios pascais: eles nos renovem constantemente e sejam fonte de nossa permanente alegria. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração:)

S. Eis o mistério da fé.



P. Salvador do mundo, salvai-nos, / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

19 CANTO DA PAZ

Eu te saúdo, meu irmão, / eu te abraço e estendo a mão / porque Jesus no meio de nós veio trazer a sua paz.

Shalom, shalom, shalom, meu irmão, / que a paz de Jesus Cristo venha ao teu coração.

20 CANTO DA COMUNHÃO



1. Celebremos nossa páscoa / com alegria no Senhor / caminhemos na verdade / buscando sempre o amor.

Creemos em ti e te aceitamos, ó Cristo vivo, / e o teu amor ao mundo levaremos / aleluia, aleluia.

2. Cristo vem nos dar sua vida / vem conosco caminhar / encontramos nele a força / pra seu amor testemunhar.

3. O Senhor ressuscitado / nossa vida assumiu / e nos alcançou vitória / porque da morte nos salvou.

4. Quem de Cristo se alimenta / para sempre viverá / e com ele glorioso / um dia o Pai encontrará.

5. Também todos nós queremos / pela vida anunciar / que o Cristo está presente / e traz-nos hoje a salvação.

21 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Velai com solicitude, ó Bom Pastor, sobre vosso rebanho; e concedei que vivam, nos prados de vosso Reino, as ovelhas que remistes com o sangue de vosso Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

22 MENSAGEM PARA A VIDA



(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. Quando passarem as trevas e o povo reconquistar o direito fundamental de escolher seus representantes, um dos nossos critérios será o seguinte: "Você foi contra as trevas? Correu os riscos de sua atitude? Sofreu por causa de suas idéias? Foi preso, banido, perseguido e torturado, por combater a escuridão? Você, que se candidata a defender os interesses do povo, o que foi que fez e o que foi que sofreu, quando os direitos do povo precisavam ser defendidos?" Eis a marca reconhecida pelo rebanho: bom pastor é aquele que dá a vida pelas ovelhas. Há pastores mercenários, tanto na organização política como na organização religiosa. O mercenarismo religioso se origina no pouco entendimento do Evangelho, usado para basear interesse de poder, segurança de posição, vantagem ou prestígio. O verdadeiro pastoreio, apoiado na vida e na palavra de Cristo, baseia-se no serviço desprendido ao povo de Deus. A esse serviço, todos somos chamados. Você também é pastor, chamado a exercer, na comunidade, a função determinada por suas qualidades pessoais.

23 CANTO FINAL

1. Pela alegria que reina em toda parte / na natureza tão cheia de esplendor / no ar festivo, nas cores vivas / eu sinto a tua e minha Páscoa, ó Senhor.

A Páscoa não é só hoje / a Páscoa é todo dia / se eu levar o Cristo em minha vida / tudo será um eterno aleluia.

2. Toda beleza, promessa ou esperança / todo esforço, trabalho e amor / tudo é Páscoa, tudo é vida porque neste dia o Senhor ressuscitou.

24 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo. P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. P. Amém.

1. O bispo queria conversar. Queria comunicar uma preocupação e uma esperança. Logo a mim? pergunta o P. Félix, vinte e nove anos, ainda pouco seguro na pastoral, apesar de tanto saber teórico, de tanto conselho espiritual, de tanto exemplo de confrades. Onde o saber de experiência feito? Félix, é isto: experiência só se alcança experimentado, quebrando a cabeça e o nariz, desde que haja no coração vontade de acertar e aquilo que chamamos esperança. Só isto? Sobretudo isto.

2. Félix conversa com o bispo. E o bispo diz que algumas áreas da diocese estão mal atendidas. Veja aí, por exemplo, a paróquia de Pedrinhas. Um povão sem fim que todo ano cresce e incha de problemas. Fernando vive angustiado e já me pediu dez, vinte, trinta vezes para dividir a paróquia e mandar outro padre. Assim não dá, irmão bispo, não agüento. O bispo diz que agüenta sim, você é caprichoso, você tem otimismo, você ainda tem boa saúde. Mas no coração sente uma pena imensa de Fernando, o zeloso e bom.

3. Você, Félix, não poderá aliviar Fernando? Félix conhece a situação. Nem igreja, nem casa paroquial, nem salão, nem qualquer infra-estrutura. Sempre sonhara com uma paróquia organizada. Sem precisar construir. E agora? O primeiro impulso é dizer que não pode ou pelo menos que vai pensar. Mas de repente o sofrimento de Fernando, as esperanças do povo, a confiança do bispo, o amor profundo à Igreja, tudo se junta e, sem pensar nem hesitar, sem rezear nem temer Félix diz: «Aceito». E arrisca por amor. (A. H.)

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: At 11,1-18; Jo 10,1-10 /
Terça-feira: At 11,19-26; Jo 10,22-30 /
Quarta-feira: At 12,24—13,5a; Jo 12,44-50 /
Quinta-feira: At 13,13-25; Jo 13,16-20 /
Sexta-feira: At 13,26-33; Jo 14,1-6 /
Sábado: At 13,44-52; Jo 14,7-14 /
Domingo: At 9,26-31; 1Jo 3,18-24; Jo 15,1-8.

DA INUTILIDADE DO PADRE (?)

A Folha: *Dom Adriano, na diocese de Nova Iguaçu e em muitas dioceses do Brasil se tem dado uma grande importância à participação dos leigos na vida interna da Igreja. Basta pensar nos novos ministérios que têm surgido. E também na decisão que se atribui aos leigos em assuntos que antigamente eram reservados apenas ao clero. Com isto não se dá um esvaziamento do padre?*

Dom Adriano: Por vários motivos históricos nossa Igreja se tornou demasiado clerical. Quero dizer: nela todas as funções de importância, fossem ou não rigorosamente sacerdotais, ficaram reservadas a clérigos. O povo de Deus, povo sacerdotal, ficou à margem, apenas recebendo; apenas participando em setores periféricos. Uma reflexão teológica sobre o que é a Igreja, como Povo escolhido de Deus; sobre o que é o ministério; sobre o que é o sacerdócio — no diácono, no padre, no bispo; sobre o que é o papado; sobre os aspectos essenciais do ministério sacerdotal; sobre a responsabilidade pastoral de toda a Igreja, essa reflexão teológica, como em nível de hierarquia foi feita no Concílio Vaticano II, nos levou a uma revisão profunda de toda a Pastoral. Basta lermos com atenção a constituição dogmática "Lumen Gentium" (Luz dos Povos), que trata do mistério da Igreja, para vermos o que é o Povo de Deus, o que são os leigos. Além do decreto "Apostolicam Actuositatem" (Atividade Apostólica), que é fundamental para a participação dos leigos na missão da Igreja, encontramos em todos os documentos conciliares ressaltada a importância do engajamento dos leigos, para que a Igreja se realize como Igreja de Jesus Cristo. É neste sentido que a diocese de Nova Iguaçu, como tantas dioceses do Brasil e do mundo, se esforça para engajar o laicato e — se me for permitida a palavra — para desclericalizar a Igreja.

A Folha: *Ai está o perigo de esvaziamento do ministério sacerdotal e do padre.*

Dom Adriano: Creio que não. Baseado na experiência dos últimos anos entre nós, creio que o fato de se entregar responsabilidades pastorais aos leigos não aliviou em nada o ministério sacerdotal. Nem o esvaziou. Pelo contrário: hoje o bispo e o padre se sentem muito mais requisitados pelo Povo de Deus e pelos agentes leigos de Pastoral. De fato quando pensamos em "desclericalizar" a Igreja, não pensamos em aliviar o padre nem muito menos em esvaziar o ministério sacerdotal. Pensamos em realizar concretamente uma Igreja que, por sua estrutura visível, exprima com maior clareza o valor real de todo o Povo de Deus. Pensamos em dinamizar a Pastoral, criando mais focos de irradiação evangélica. Pensamos em multiplicar o trabalho do padre, graças à participação de muitos leigos engajados. Para grande surpresa nossa, descobrimos então que o padre, na essência do seu serviço e do seu ministério, é muito mais necessário do que antigamente parecia. Muito mais do que um "funcionário" aplicado e zeloso, o padre é o sinal de unidade para o Povo de Deus. E é em função desta unidade que mais claramente se descobre a importância indispensável do padre no mistério da Igreja. É em função desta unidade que aparece a função do padre como presidente da Liturgia, sobretudo na celebração da Eucaristia e do sacramento da Penitência.

A Folha: *Mas estes pensamentos não são difíceis para o Povo?*

Dom Adriano: São, mas deveriam ser explicados constantemente aos nossos fiéis, de modo especial aos leigos engajados para se situarem no seu lugar na Igreja e para situarem corretamente o lugar do padre. Temos de fazer um esforço grande para conscientizar tanto os padres como os leigos engajados. Os leigos precisam assumir conscientemente a sua parte de responsabilidade. E os padres precisam confiar nos leigos.

LITURGIA & VIDA

AS LEITURAS BÍBLICAS

Na Instrução Geral nº 33 recorda-se: "A parte principal da Liturgia da Palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e pelos cânticos que ocorrem entre elas".

Nas leituras bíblicas Deus fala ao seu Povo, "revela o mistério da redenção e da salvação e oferece alimento espiritual, e o próprio Cristo, por sua palavra, se acha presente no meio dos fiéis" (Instr. 33).

O grande liturgista que foi Jungmann explica: "Não se trata de uma leitura qualquer, trata-se de uma leitura pela qual a Igreja pode realizar uma parte essencial de sua missão de anunciar sempre aos fiéis a boa-nova do Reino". É por isso que todas as liturgias cristãs, como expressão de seu amor à Palavra de Deus, colocam leituras bíblicas como parte constitutiva da Liturgia da Palavra, com exclusão de quaisquer outros

autores. As leituras culminam no trecho do Evangelho.

Todas as liturgias cristãs são unânimes nesta preferência exclusiva pelas leituras bíblicas. Variam quanto ao número de leituras e quanto aos livros sagrados que manuseiam.

A reforma litúrgica determina que nos domingos e festas (salvo motivo muito especial) se façam três leituras. A primeira é normalmente tirada do Antigo Testamento, a segunda de um dos livros do Novo Testamento (menos os evangelhos) e a terceira e última um trecho dos Evangelhos.

Voltaremos ao assunto.

1. Como se faz a leitura bíblica na sua comunidade?
2. Há círculos bíblicos na sua paróquia?
3. Como fazer crescer o amor à Palavra de Deus?